

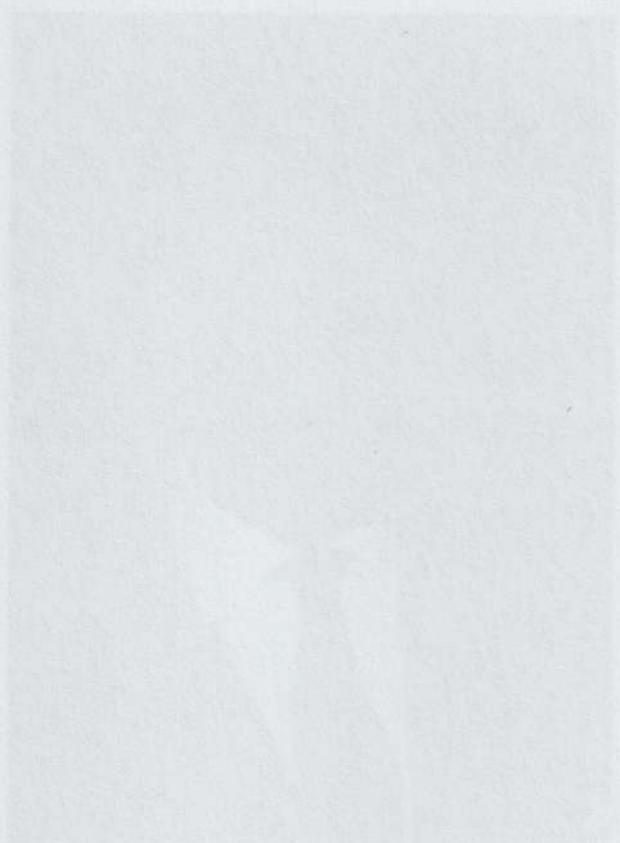
A poesia para mim é uma coisa que nasce de dentro da gente. Ela não
vem de fora, não é imposta, não é herdada. Ela vem de um lugar
que só eu consigo alcançar, lá no fundo da alma, ali onde a vida
está sempre acesa, sempre viva. Ela vem quando eu me sinto
solto e não consigo mais conter. Ela surge sem que eu queira.

Como, então, eu posso falar sobre ela? Como eu posso falar
sobre o que eu sinto?

A poesia para mim é um instrumento, uma arma, um refúgio. Ela me dá
força para lutar, para lutar contra o mundo, contra a vida, contra
aqueles que não me entendem. Ela me dá a palavra para falar
de tudo o que eu sinto, de tudo o que eu vejo, de tudo o que eu
sou. Ela me dá a palavra para falar da minha dor, da minha
solidão, da minha esperança. Ela me dá a palavra para falar
da minha vida, da minha morte, da minha eternidade. Ela me dá
a palavra para falar de tudo o que eu sinto, de tudo o que eu
sou. Ela me dá a palavra para falar da minha vida, da minha
morte, da minha eternidade. Ela me dá a palavra para falar
de tudo o que eu sinto, de tudo o que eu sou.

Palavras do poeta

Copyright © 1994 by Editora AS-24. Todos os direitos reservados.
Tudo o que está aqui é propriedade intelectual de AS-24. Não pode ser
reproduzido sem a autorização expressa da AS-24.



A poesia para mim é uma coisa que nunca se confundiu com versos. Era para mim uma ferramenta de reivindicação, uma ferramenta em que eu me ocultava para me projectar depois, já como outra coisa, através da poesia. Os meus poemas têm sempre alcance social, sociopolítico. Mesmo quando agarro uma flor, é para dar a essa flor uma outra imagem. Os malmequeres da esperança...

Claro, isso criou-me problemas com os censores – bastava ter o meu nome, eles cortavam [...]

A poesia para mim é um instrumento e, muito, um refúgio para uma série de dramas interiores. É por isso que, quando me disseram uma vez em Lisboa: «Essa coisa da poesia não se vende! Hoje, queres ganhar dinheiro, tem de ser na prosa», eu disse: «É verdade, se puseres dessa maneira, é verdade que os poetas vendem-se menos que os prosadores. Porque eles, mesmo quando transfiguram a realidade, estão a ser mais fiéis que os prosadores. E é por isso que se vendem menos.» Porque as pessoas não querem ter o trabalho de ir ao encontro do poeta – porque o poeta vai sempre mais longe, vai para além do que as palavras dizem. Os poetas vendem-se menos porque hoje cada vez menos as pessoas têm tempo para se debruçar sobre o poeta. Mas os que são bons poetas são respeitados – quando não no seu tempo, um tempo depois são respeitados, embora se vendam menos.

Craveirinha, José. In: Laban, Michel. Moçambique: *Encontro com Escritores. Entrevistas*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1998, v. III, pp. 85-86

